



ÁREA TEMÁTICA: Sessão intertemática : Saberes tradicionais e novas práticas agro-florestais

Transparência na produção : a profissão agrícola face à rastreabilidade

JOLY, Nathalie

Maître de conférences en sociologie

Etablissement National d'Enseignement Supérieur Agronomique de Dijon (France)

Institut National de Recherche Agronomique, INRA-UR 718

nathalie.joly@educagri.fr

WELLER, Jean-Marc

Chargé de recherche CNRS en sociologie

Laboratoire Techniques, Territoires et Société, UMR 8134

Ecole Nationale des Ponts et Chaussées

jean-marc.weller@latts.enpc.fr

Resumo

Embora o registo escrito da actividade não seja uma tarefa estranha aos agricultores, sucede que, nos últimos tempos, as exigências com a produção textual no exercício da profissão agrícola têm-se vindo a avolumar. O presente texto debruça-se sobre as consequências que as novas tarefas têm para os produtores agrícolas. Com base no método etnográfico, é estudada de perto uma situação de controlo que permite visualizar os instrumentos de medida e o tipo, natureza e quantidade de documentos envolvidos na mesma. Permite ainda apreender as relações estabelecidas entre os agentes administrativos e os agricultores. Procura-se evidenciar como é que um problema pode surgir, no âmbito de um dispositivo muito rico em "tecnologias intelectuais" (Goody, 2007), e de que maneira o mesmo é resolvido, à volta de uma mesa, onde escritos respondem a outros escritos.

Palavras-chave: Rastreabilidade, produção agrícola, práticas de escrito, situação de controlo.





1- Introdução

Embora o registo escrito de actividade não seja uma tarefa estranha aos agricultores (Joly, 2004), acontece que, nestes últimos tempos, as exigências duma produção textual no exercício da profissão agrícola têm vindo a acentuar-se. Estas exigências de produção textual têm origem na Política Agrícola Comum (PAC). Estão associadas, por exemplo, à elaboração da gestão administrativa e da contabilidade das explorações agrícolas e, mais recentemente, à rastreabilidade na produção agrícola. Esta última decorre, como se sabe, das preocupações da sociedade à volta da segurança sanitária, do ambiente e da qualidade alimentar.

Com base no exposto, é possível afirmar que a natureza e a importância que a produção textual vem assumindo no exercício da actividade agrícola vive, no momento presente, uma fase de transição. Com efeito, em grande medida, qualquer tipo de intervenção sobre os animais ou as culturas tem hoje de ser registada de acordo com normas, traduzidas em «cadernos de encargos» e impostas «de cima» aos agricultores. A não observação do cumprimento das mesmas traduz-se em sanções, no momento da realização de controlos técnicos.

O presente texto debruça-se sobre as consequências que as novas tarefas têm para os produtores agrícolas. Mais concretamente, neste movimento crescente de burocratização, acompanhado por uma codificação das práticas de trabalho, de que maneira o grupo profissional agrícola consegue controlar as mudanças que lhes são impostas? Como se pode conciliar a conservação de um património de competências com a modernização de certas práticas?

Estas questões, clássicas na perspectiva da sociologia das profissões, serão analisadas aqui baseadas no método etnográfico. De acordo com este, é estudada de perto uma situação de controlo que diz respeito à identificação de animais. O controlo é assumido em comum pela Direcção Departamental da Agricultura e da Floresta (DDAF) e pelas Direcções Departamental dos Serviços Veterinários (DDSV), e interessa-se à fiabilidade do dispositivo de rastreabilidade instalado em 1999 (depois das crises da vaca louca mas também o cumprimento de uma série de regras que decidem a atribuição ou não das ajudas vertidas aos agricultores). Para estes últimos, informados com 2 dias de antecedência da vinda dos controladores, o desafio não é negligenciável: em caso de constatação de anomalias, seja na condução da exploração animal ou da parte administrativa, são previstas penalidades diversas¹.

Assim, os controladores vêem às explorações para inspecionar os animais, um a um, nos pastos como nos estábulos. É o que os interessados chamam o "extracto físico" dos animais. Em seguida, depois de ter inspecionado durante horas, do olhar e dos binóculos, as vacas, eles verificam os papéis dos agricultores: é o chamado "extracto documental" ou "extracto administrativo".

É esta cena em particular que queremos apresentar, opondo os agentes da administração aos agricultores, geralmente à volta duma mesa. Que faz na realidade cada um? Qual é o desafio das suas interacções negociadas através de dezenas de documentos? Preocupados em fornecer um material bruto, fruto da observação, e de permitir uma argumentação apoiada em factos, convidamos o leitor a investir a quinta destes agricultores e, mais singularmente, na sala de estar dum deles.

2- Um trabalho metrológico

Fazendo referência à sala que acolhe as trocas entre protagonistas durante cerca de 3 horas, à volta de papéis, estão presentes sucessivamente à volta duma grande mesa, fora os 2 autores deste texto, uma criadora de gado e duas controladoras da DDAF. No momento presente, 2º dia da visita, estas últimas viram a totalidade do rebanho nos prados e nos estábulos, que têm muros comuns com a casa. Mais ou menos 200 animais no total. Elas possuem agora uma ideia mais precisa da exploração. Quanto à criadora, que



nunca é citada oficialmente - o nome da exploração menciona somente o nome do seu marido e dum dos filhos - é ela que na realidade se "ocupa dos papéis". Ou seja, foi ela que passou também o dia de ontem com as controladoras e sociólogas, guiando-as através caminhos poeirentos, de parcela em parcela, afim de lhes apresentar as suas vacas.

O trabalho das controladoras segue um script bem rodado que consiste, invariavelmente, de notar numa caderneta que nunca abandonam, cada animal observado fisicamente. Trata-se do "inventário", do documento mais importante aos seus olhos: o seu papel é de transcrever o real da exploração. Cada vaca, a sua idade, a sua raça, a raça dos progenitores, data de chegada à exploração, se ela nasceu na exploração, comprada ou em pensão vinda doutro rebanho, a sua data de saída, a quem foi vendida, se foi levada ao matadouro ou se morreu no lugar onde vivia, são escrupulosamente anotados na sua ficha (figura nº1).

Esta tarefa rigorosa é facilitada pela sua automatização porque cada inventário é extraído da base de dados nacional de identificação (BDNI) que compreende a totalidade dos vinte milhões de bovinos residentes em França. É a razão pela qual a lista dos bovinos a controlar é conhecida antes da chegada dos controladores e necessita unicamente de pequenas correções em função dos acontecimentos susceptíveis de serem recentes e não constarem do extracto. O desafio é então de chegar a uma bijecção perfeita entre o conteúdo do ficheiro, cujo "inventario" é uma síntese, e o que se constata fisicamente no terreno. Dai escorrem uma série de questões para os serviços administrativos: os animais controlados coincidem com os animais oficialmente propriedade do criador? O efectivo oficialmente notado na base de dados corresponde exactamente ao que se encontra no terreno? Estas perguntas, que exprimem o cuidado em ligar cada animal -novilha, vitelo, broutard, tourinho ou touro- ao disco duro da administração, precedem tipicamente o que se designa por trabalho metrológico. A tarefa não é simples porque o desfasamento entre o "inventário" (e o ficheiro donde foi extraído) e a realidade é inevitável. A consequência é um trabalho longo e paciente de escritura destinado a afinar o que se encontra nos computadores da administração com o que se constata nos prados.

A presença dos objectos que compõe o ambiente imediato da mão do controlador são testemunhas : uma esferografica para riscar na grande lista de bovinos e se necessário, modifica-la, dois feltros stabylo verde e amarelo para seleccionar animais elegíveis e salientar certas informações (um subsidio específico, total efectivo por parcela, etc.), uma calculadora para operar contagens e verificar que, cerco após cerco, nenhum animal foi esquecido. Mas estas notas tomadas sobre um documento oferecem mais compreensão associada a três outros objectos técnicos e determinantes: o anel, a folha de notas e o passaporte.

O anel designa uma marca em plástico de cor salmão na qual esta inscrito um número nacional de identificação que, fixado à orelha de cada vaca, permite de lhe atribuir uma coordenada estável. Fora o departamento e a localidade de nascimento, o anel indica em caracteres mais importantes o "nº de trabalho". E esse nº que permite normalmente ao criador de identificar os seus animais, e não, como alguns apreciariam ainda, chamar pelas vacas com nomes de flores. (figura nº2). E é ainda esse nº que permite aos agentes administrativos de seguir cada bovino ao longo das muitas etapas metrológicas sanitárias, administrativas e económicas que organizam a sua vida, da mesma maneira que se segue um veículo ou produto manufacturado. É fácil de compreender portanto que uma das missões mais importantes dos controladores é a de verificar que os animais estão bem "anelados". Parece tarefa simples, mas as vacas vivem a vida de vaca, e não é raro de as ver voltar sem um anel perdido numa parcela: problemas de orelhas abertas (rachadas), de pêlo demasiado abundante ou mesmo de alergias.

A folha de notas é, ao contrário dos dois outros, um documento não regulamentar. Trata-se simplesmente duma base preparada sob forma de colunas a preencher, que permite aos funcionários de notar os nº de anéis que eles constataram nos prados, cerco após cerco. Este documento tem a sua importância pois é graças a ele que os animais vistos fisicamente estão agora presentes sobre a mesa, reinando sobre outros papéis e representados por números escritos à mão. O trabalho paciente de escritura que realizam os agentes debruçados sobre a mesa é mais compreensível. Uma das controladoras conta os bovinos vistos



na exploração a partir da folha de notas enquanto a outra verifica que, no inventário, o mesmo nº esta presente.

Mesmo baseado sobre os escritos disponíveis, este ajustamento entre o real administrativo e o real observado opera-se igualmente por pequenos toques de regulações de linguagem. Quando um agente, verificando os anéis notados, procura no seu colega, que possui o documento de inventário, confirmação ou correcção da sua interpretação: « 1267 é um macho jovem ? »/ « sim é um pequeno macho » ; « e tens ai o 4698 ? é um charolais » ? etc. Enfim, e para ser mais completo, um terceiro documento essencial deve intervir: o passaporte. Trata-se oficialmente do Documento de Acompanhamento Único do Bovino, dito o "DAUB" ou também o "DAB" ou mais correntemente o "cartão".

Ao mesmo tempo cartão de segurança social e bilhete de identidade que acompanha o animal durante toda a sua vida, o passaporte menciona informações relativas à sua identificação (raça, sexo, data de nascimento, identificação dos pais), atesta as diferentes e obrigatórias intervenções profilaxias (certificados de vacinação, etc) mas também a atribuição de certos subsídios (perfuração do talão direito do passaporte). O objectivo do extracto administrativo consiste em, para o controlador, assegurar-se que o criador possui os passaportes dos animais que ele cria. E por outro lado, que o criador não possui nenhum passaporte " a mais ", o que significaria que ele se teria desembaraçado duma vaca duma maneira ou doutra, mas continuaria a pretender possui-la aos olhos da administração. Dito doutra maneira, nem bovino sem papéis nem papéis sem bovino. E no fim de contas, chegaria alargar um pouco a vista da mesa apresentada anteriormente mostrando uma controladora verificar o inventário para perceber o que ela nota, não somente os nº de anéis mas também os passaportes que ela reuniu (figure nº3).

E ao preço desta materialização que o direito pode ser dito (Weller, 2007). A sociologia das ciências demonstrou perfeitamente como o sentido dum enunciado é indissociável do mundo sócio-técnico dentro do qual ele evolui. O mesmo se passa aqui. Se o criador controlado pode beneficiar dum subsidio especial bovinos machos -chamada PSBM- para os seus dois novilhos, é não somente porque ele é o dono desde há mais de 2 meses e eles têm mais de 7 meses de idade mas sobretudo porque uma série de inscrições e rastros atesta da existência dos animais aos olhos da administração. E é esta cadeia metrológica que exploram os agentes burocráticos quando eles controlam o criador e que ao verificar cada passaporte, cada local de pasto, depois de riscos, notas e cálculos, preenchem o precioso inventário (figura nº4) e acabam por tecer a rede que articula cada bovino com os computadores da administração. Mas se uma duvida aparece sobre a coerência desses elementos - um anel que falta, um passaporte inexistente, uma incoerência na data de nascimento ou declaração da raça - é a existência mesmo da vaca que se encontra ameaçada. Entremos então, para vos convencer, num caso de controvérsia

3- O desaparecimento da vaca 6292

Enquanto um dos agentes lê em voz alta o nº de trabalho que figura sobre a folha de notas, o outro verifica no inventário um a um cada nº, especificando o pasto onde o animal foi realmente visto. O processo é interrompido cada vez que surge um incidente. E o caso da vaca 6292 que ninguém consegue encontrar no inventário. A conclusão lógica impõe-se: esta vaca não existe (extracto nº1).

Extracto nº1 [09 :21 – 09 :57]

(AC1: agente de controlo 1; AC2: agente de controlo 2; AGR: agricultor; SOC1: sociólogo 1; SOC2: sociólogo 2)

AC1 :6416 *está aqui* 81 14 *é na outra*

AC2 : é aqui sim [nota sobre a folha do inventário]

AC1 : 81 14

AC2 : é na outra... [na outra folha do inventário]



AGR : é um novilho ?

AC2 : não... hum... (depois de o encontrar no inventário) uma fêmea de 2003...

AC1 : e 62 92...

AC2 (não o encontra no inventário) : (silêncio)... (num sussurro) não existe!

AGR : 62 92 ?

AC2 : (silêncio) não, esse n° não existe!

Que um anel dum bovino tenha sido notada num papel aquando da verificação física e que ele não esteja presente no inventário e não disponha dum passaporte, ora aqui está um mistério. Claro, um novilho recém-nascido pode aparecer num efectivo, uma vaca comprada há pouco, ou mesmo um animal em pensão, sem que a administração esteja logo ao corrente e o relacione com a exploração. Mas o criador dispõe, nesses casos, de documentos justificativos que atestam tais operações: notificação de nascimento ou de movimento, factura da compra, etc. Por outro lado, ele deve dispor do passaporte que, fiel porta-voz do animal que representa, não cessa de passar de mão em mão, desde o nascimento, passando pelo crescimento, comerciante de bovino, matadouro, etc. - à medida da evolução da vida da vaca, sem nunca a abandonar. Mas aqui nada de facturas ou passaportes a mostrar. Mesmo a criadora não compreende o que é que se passa: mas onde desapareceu a vaca 6292? Os controladores decidem então de verificar que eles notaram bem essa vaca na hora do extracto físico. O ideal seria neste caso de, de novo, voltar ao cerco e verificar a existência da 6292. Mas o tempo é curto, sobretudo quando já foi necessário um dia e meio para completar a visita. Neste sentido, a colaboração da criadora mostra-se preciosa.

A primeira fonte da qual o agricultor dispõe para completar ou modificar o trabalho interpretativo do agente são as suas próprias técnicas de gestão, a través das quais ele obtém o conhecimento do seu rebanho e da sua exploração. Ele pode, por exemplo, descobrir a que corresponde um n° de trabalho: a série numerativa à qual ele pertence, a marca auricular informa o criador sobre a idade provável da vaca e, conseqüentemente, do seu lugar na exploração. Porque, se ele aplica uma marca aos novilhos desde o nascimento, estes partilham parcelas especiais em função da idade e evolução (para vitelas a engordar, para vacas "reformadas", parcela para vacas prenhes, a enfermaria, etc.).

Visto o que tinha sido escrito, os controladores estimam que o animal deveria encontrar-se no estabulo mais próximo da casa. Construção 12. Reservada às vacas que pariram recentemente e às suas crias, essas cercas acolhem vacas cujas matriculas se encontram principalmente na série dos 6400 e não dos 6200. Por outro lado, o agricultor não anelou animais além da marca 6430: não se trata dum erro onde haveria confusão entre o 62 92 e o 64 92 (extracto n°2)

Extrato n°2 [09 :57 – 10 :29]

AC2 : no estabulo...

AGR : onde é que a encontramos ?

AC1 : no estabulo...

AGR : [mostra com a mão o exterior] ali ?

AC2 : sim, perto dos... onde havia crias

AGR : é um novilho ? [lembra-se de ter anelado vitelos na série dos 6400] e não ! 64 !

AC2 : ah talvez...sim sim, deve ser um vitelo...

SOC1 : 64 92 ? ou 62 ?

AGR : 62 92...

AC2 : 64 92... não vai assim tão longe



AGR : e não...

AC2 : não... você chegou até à 64 30...

AGR : e é um vitelo ?

AC1 : sim, a priori

AC2 : ... mas o que é que é isto !...

De certeza, o problema é importante. Trata-se aqui do que Michel Callon (1986) consideraria aqui um verdadeiro "drama socio-técnico", no sentido onde os diferentes elementos que constituem a rede da qual provém a existência administrativa da vaca se desagregam um a um. O anel ao qual é feita referência tornou-se mudo, não fala a ninguém de algum animal: o seu n° é absurdo e não encontra coerência nem na metrologia da administração preocupada na manutenção da sua base de dados, nem nas referências da criadora preocupada em partilhar os animais nos pastos em função da idade e do destino. As linhas informáticas que aparecem no inventário não assinalam nenhum animal correspondente a tal matrícula. E quanto à folha de notas, ela não revela mais nada que uma quimera, uma vaca que não existe. Este momento delicado não é inofensivo: é na realidade o estatuto do real que se encontra suspenso. O sussurrar duma das controladoras - "não existe!" [08] - a desordem que ela exprime - ... mas o que é que é isto !... [25] - são mostras do bizarro da situação. Como fechar esta falha agora aberta sobre a mesa do agricultor, da qual a existência duma vaca esta em jogo e conseqüentemente, de prováveis penalidades?

4- Escritos ao socorro doutros escritos

As controladoras não se deixam no entanto abater. Se elas se limitavam a constatar que uma vaca notada fisicamente não existe administrativamente, isso provocaria importantes conseqüências (penalidades para o criador e destruição do animal) que elas não deixam de considerar, tendo em conta os seus próprios conhecimentos do meio agrícola e da situação do interessado (Weller, 2006). E se elas tivessem enganado de n° no momento da verificação física? Um erro, finalmente bastante comum, consiste em inverter dois algarismos do número de trabalho: e se o n° 62 92, que parece ser mais lógico começar por 64, fosse na realidade o 64 29 (92 ao contrario)? Esta nova versão parece plausível. Mas os elementos de que elas dispõem - passaporte, anéis, inventários - não são de grande ajuda: nenhum bovino mais não pode aparecer e são agora outras tecnologias de escritura que vão revelar-se muito úteis, as que permitam de estabelecer uma memória dos acontecimentos, indispensável à condução do rebanho.

As explorações agrícolas têm à sua disposição uma enorme quantidade de documentos: caderneta de pasto, registo sanitário, caderno de partos, previsões de cruzamentos, calendário de nascimentos... uns armazenam informações definitivas, outros servem à escolha de dados a partir de observações imediatas e outros ainda, verdadeiros rascunhos ou sob a forma de planos, vêem conduzir o curso de uma acção. Tanta informação deve ser memorizada para a condução do rebanho, e ser transmitida a inúmeros parceiros - controlador leiteiro, inseminador, comerciante de gado ou, como neste caso, agentes do estado - que a memória só do agricultor não é suficiente e necessita então dum tal aparelho. Mas é também o gosto de aprender, a meticulosidade no extrair da experiência o saber do quando e como agir, que justifica esta pesada produção de escritos. Uma preocupação deste género é realçada no manter em dia as agendas, prática banalizada entre profissionais. A base reúne informações relativas às culturas (arar, plantar, fertilizar, colher ...) e e aos animais (cuidados, movimentos, alimentação, reprodução...). Serve também a notar dados dizendo respeito as certas decisões financeiras (preço do leite, decisão de venda ou de compra, nome do comerciante de gado, cálculo das rações, etc) sem esquecer os eventos de menor importância que constituem a trama do quotidiano (visita dum terceiro, acontecimentos familiares, etc) e, em primeiro lugar, a meteorologia (figura n° 5).

Poderia deduzir-se, em função da tonalidade um pouco estereotipado destes escritos, usando abreviaturas ou outras formas elípticas, uma importância relativa. Seria um erro. O récita do trabalho e das sínteses



recapitulativas que formam os dois lados deste dispositivo, fora o facto de englobar o conjunto das práticas agrícolas e de se inscrever ele mesmo como parte duma história (Joly, 2008), são as testemunhas dos constrangimentos e desafios inerentes à actividade. Deste ponto de vista, a agenda ou a caderneta de criação designam verdadeiras "tecnologias literárias" (Shapin e Schaffer, 1993)ⁱⁱ exactamente como o inventário para os controladores da administração (2). Como este último, são objectos preciosos com os quais os seus autores dão provas de delicadeza e meticulosidade. Como este último, são "produtos manufacturados cognitivos" (Norman, 1993) mostrando a exploração, dando a ver o desenrolamento dos trabalhos no campo e destinados a representar os animais do rebanho em poucas palavras, poucos números, para agir. E como este último, eles só têm sentido no quadro da metrologia que eles desenham: à força de medidas, notas e referências, eles permitem de estabelecer comparações dum ano para o outro, de reduzir ao quotidiano a incerteza e a complexidade das situações decisórias (Quéré, 1997) e de traçar à medida do tempo uma evolução. E de reencontrar uma vaca que pensámos durante um certo tempo uma quimera. Porque, baseada nas páginas da sua agenda que ela folheia uma a uma, a criadora pode provar os enunciados das duas controladoras, fazer reaparecer na memória de todos a configuração da construção, parque após parque ("então é o parque ao lado?" [31]; "à frente!" [32]; ".. ao lado?" [37] e depois encontrar os animais vistos fisicamente ("você viram o vitelo da cinzenta?" [29]; "são os últimos vitelos..." [38]; "e há um grande vitelo a quem damos o biberão, é o 64 16!" [41] até desalojar, in fine, a preciosa vaca 64 29 ("então... no parque lá ao fundo... eh... 64 29!" [43] infelizmente tomada por uma outra (extracto n° 3).

Extracto n°3 [10 :29 – 12 :33]

(25) AC2 : ... o que é que é isto !... não é 62 29 ? nem 92...

AGR : ah sim é o vitelo da... [passa ruidosamente as páginas da sua agenda]

AC1 : 62... isso são muitos números invertidos...

AC2 : sim, uns poucos

AGR : 64 28... isso também não é possível... vocês viram aí o vitelo da cinzenta ? ela é...

AC1 : sim, tenho-a

AGR : 64 28 !com ela aqui esta... então é o parque ao lado ?

AC2 : à frente !

AC1 : à frente, sim...

AC2 : então havia eh... quatro vacas

AGR : à frente... você tem...

AC2 : ah não... havia bem uma pequena... não havia uma jovem... ou é 63 ?

AC1 : mas havia 2 vitelos ao lado ?

AGR : sim 64 29 ha ... 64 29... 64 30 são os últimos vitelos...

AC1 : 64 29 não é isso ?

AC2 : mas o que é que é esta coisa !

AGR : 64 29... e ha um grande vitelo a quem damos o biberão, é o 64 16 ! *sim * ele esta la ?

AC2 : ... e a outra 62 29 eh... 64 29 ?

AGR : então... no parque la ao fundo eh... 64 29 !

AC2 : se calhar é isso...

AGR : Não o têm esse vitelo ? Têm aí o 28 mas falta o 29 !



AC2 : 64 29 não preenchi...

AGR : têm o 30 ?

AC2 : sim sim...

AGR : bem não é o 29 é ela... uma fêmea

AC2 : sim... charolaise

AGR : charolaise é a filha da 70

AC2 : então é 64 29... OK

AGR : sim, deve ser isso

SOC2 : então era um n° que na realidade ehhh interpretámos mal

AC2 : sim, mal lido mal pronunciado

AC1 : sim... ou mal escrito

AC2 : ou mal ouvido... (rires)

5- Conclusão

Quando o olhar dos antropólogos ou dos sociólogos se interessa à actividade agrária, é geralmente a sua componente técnica que captara toda a atenção. Gestual, linguagem, imaginário, saber e "knowhow" são objectos coloridos e enigmáticos que os investigadores se esforçam de colocar na espessura das tradições e que os tornam eficazes (Chevallier,1991). A importância de gestão e o que ela implica como ferramenta própria, em particular os inúmeros escritos dotados dum carácter mais ou menos eterno - pensemos nos rascunhos que enchem os caixotes do lixo e aos post-it colados nos ecrãs dos computadores - é raramente explorada, sem dúvida devido ao facto que ela é contrariada por princípios externos de racionalidade económica, e que ela aparece, nesse sentido, menos autêntica que outras formas de saber. Tomámos distância em relação a esta sensibilidade cultural e à sua grelha de interpretação que exige que as maneiras de apreender e afrontar a mudança são função das tradições. A situação de controlo que foi agora descrita permite de compreender as práticas materiais implicadas (e modeladas) pelas formas actuais de regulamento estatal da agricultura. Trata-se sem dúvida nenhuma numa nova etapa no movimento de globalização da função das práticas agrícolas à escala europeia. Focalizar uma situação local permite visualizar os instrumentos de medida e o tipo, natureza e quantidade de documentos envolvidos na mesma. Permite ainda apreender as relações estabelecidas entre os agentes administrativos e os agricultores. Procura-se evidenciar como é que um problema pode surgir, no âmbito de um dispositivo muito rico em tecnologias intelectuais (Goody, 2007), e de que maneira o mesmo é resolvido, à volta de uma mesa, onde escritos respondem a outros escritos (figura nº6). É então lógico que os agricultores não se encontram completamente desarmados face às normas administrativas às quais eles são confrontados. Uma constatação que convida a prosseguir as investigações fazendo variar os contextos (com inquéritos noutros países) seguindo a perspectiva aberta pelos New Literacy Studies (Street, 1993, Barton e Hamilton, 1998) e que consiste em pensar a interface entre os quadros globais e locais a partir dos quais se estendem as práticas sociais do escrito.



Referências bibliográficas

- BARTON, David, HAMILTON, Mary, (1998), *Local Literacies*, London, Routledge.
- CALLON, Michel (1986), « Eléments pour une sociologie de la traduction : la domestication des coquilles Saint Jacques et des marins-pêcheurs dans la baie de Saint Briec », *L'Année sociologique*, vol. 36, pp. 169-208.
- CHEVALLIER Denis, (1991), « Des savoirs efficaces », *Terrain*, n°16, pp. 5-11.
- GOODY, Jack (2007), *Pouvoirs et savoirs de l'écrit*, Paris, La Dispute.
- JOLY, Nathalie (2004), « Ecrire l'événement : le travail agricole mis en mémoire », *Sociologie du travail*, n°46, pp. 511-527.
- JOLY, Nathalie (2008), « Vaches et blés sur le papier », *Communication et Langages*, à paraître.
- QUERE, Louis (1997), « La situation toujours négligée ? », *Réseaux*, n°85, pp. 163-192.
- NORMAN, Donald A. (1993), « Les artefacts cognitifs », *Raisons Pratiques*, vol.4., pp.15-34.
- SHAPIN, Steven, SCHAFFER Simon (1993), *Léviathan et la pompe à air*, Paris, La Découverte trad. de *Leviathan and the Air Pump: Hobbes, Locke, and the Experimental Life*, Princeton University Press, 1985.
- STREET, Bryant (1993), « Introduction : the new literacy studies », em Bryant Street (eds.), *Cross-Cultural Approaches to Literacy*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 1-21.
- WELLER, Jean-Marc (2006), « Il faut sauver l'agriculteur Poulard ! Le souci du public à l'épreuve du travail administratif *Revue Politiques et Management Public*, n°3.
- WELLER, Jean-Marc (2007), « La disparition des deux boeufs du Père Verdon. Travail administratif et statut de la qualification », *Droit et Société*, n°67
- YATES, JoAnne, (1989), *Control through Communication. The Rise of System in American Management*, Baltimore e London, The John Hopkins University Press.

i O barómetro das anomalias toma em conta tanto o numero de informações ausentes como o caracter dessa ausência, propositado ou não.

ii A noção de "tecnologias literárias" foi avançada por Shapin e Shaffer (1993) a propósito da actividade científica. A esse propósito, os autores distinguem-as das "tecnologias materiais" e "tecnologias sociais". Ao mesmo tempo que salientam a importância dos suportes materiais ordinários - formulários, quadros, etc., a noção permite realçar a importância da formatação na actividade de escritura e memorização. A esse respeito, vamos preferi-la às noções que encontramos mais correntemente no estudo da gestão e modos de organização como a das "tecnologias da comunicação", mesmo se uma investigadora como JoAnne Yates integra, nestas últimas, tanto o telefone como a máquina de escrever e mesmo o móveis da arranjo vertical, os arquivos de correspondência e também os índices (Yates, 1989).

Lista de figuras

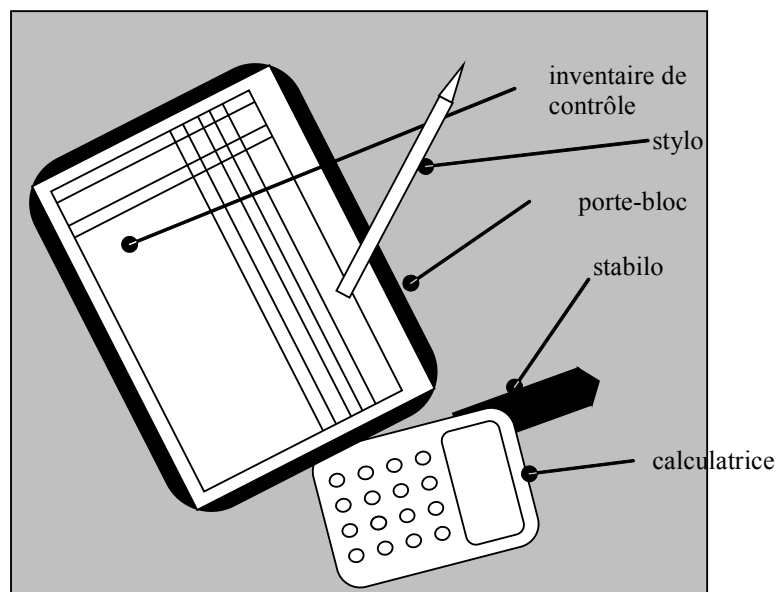


figura nº1- Sobre a mesa da cozinha (parte) : O inventario de controlo

	partie femelle	partie mâle
dessin de la boucle N98		
1° ligne	code pays d'origine en 2 lettres	code pays d'origine en 2 lettres
2° ligne	6 premiers chiffres du numéro national d'identification du bovin	6 premiers chiffres du numéro national d'identification du bovin
3° ligne	code - barres	
4° ligne	4 derniers chiffres du numéro national d'identification du bovin	4 derniers chiffres du numéro national d'identification du bovin

figura n° 2- O modelo padrão dito «N98» do anel oficial de identificação bovina

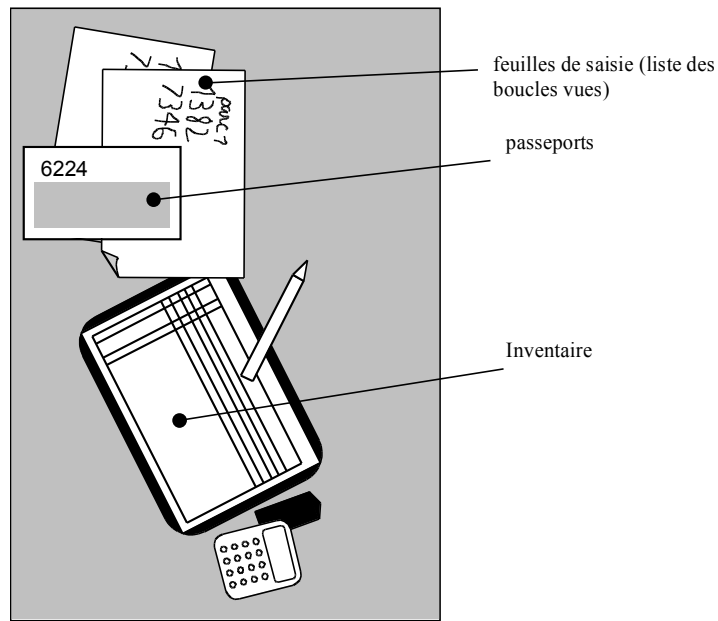


figura n°3- Superfície da mesa da cozinha (parte) : a verificação dos anéis e dos passaportes

N° de l'exploitation : 21544023

(1) Mention - Oui (O) ou Non (N)

Cantons effectifs	N° travail	N° animal	Sexe	Type racial	Date naissance	Date levillage	Bovins présents				Passport			Marques aréolaires (rebouclage)		P				
							entrées	Mouvements		sorties	Date édition original	Date dernière réédition	Date dernier duplicata	date dernière livraison	Nbre à cette date		Nbre total animal			
P. R. A.		Père	Mère	Sujet			Nbre Exp (1)	Cause	Date MVT	Cause	Date MVT									
		8237	FR2144078237	F	34	34	34	18/03/2006	O	N	18/03/2006		19/04/2006							
		8238	FR2144078238	F	34	34	34	19/03/2006	O	N	19/03/2006		19/04/2006							
		8239	FR2144078239	M	38	38	38	19/03/2006	O	N	19/03/2006		19/04/2006							
		8240	FR2144078240	M	38	38	38	24/03/2006	O	N	24/03/2006		19/04/2006							
		8241	FR2144078241	M	38	38	38	29/03/2006	O	N	29/03/2006		19/04/2006							
		8242	FR2144078242	M	38	38	38	03/04/2006	O	N	03/04/2006		19/04/2006							
		8244	FR2144078244	F	34	34	34	04/04/2006	O	N	04/04/2006		19/04/2006							
		8245	FR2144078245	F	34	34	34	11/04/2006	O	N	11/04/2006		19/04/2006							
		8246	FR2144078246	M	34	34	34	17/04/2006	O	N	17/04/2006		22/05/2006							
		8247	FR2144078247	F	34	34	34	01/03/2006	O	N	01/03/2006		22/05/2006							
		8248	FR2144078248	F	38	38	38	04/05/2006	O	N	04/05/2006		22/05/2006							
		8249	FR2144078249	F	38	38	38	04/05/2006	O	N	04/05/2006		22/05/2006							
		8250	FR2144078250	M	34	34	34	06/05/2006	O	N	06/05/2006		22/05/2006							
		8251	FR2144078251	M	34	34	34	11/05/2006	O	N	11/05/2006		22/05/2006							
		8252	FR2144078252	M	34	34	34	12/05/2006	O	N	12/05/2006		22/05/2006							
		8253	FR2144078253	M	38	38	38	25/05/2006	O	N	25/05/2006									
		8254	FR2144078254	M	34	34	34	27/05/2006	O	N	27/05/2006									
		8255	FR2144078255	M	34	34	34	06/06/2006	O	N	06/06/2006									
		8878	FR1930788825	M	34	34	34	14/03/2000	N	A	30/06/2001	30/03/2006	01/06/2001							
		8873	FR2394211936	F	0	0	34	14/03/1994-01/12/1997	N	A	18/10/1999		01/10/1993				03/04/2003	1	4	VA
		9221	FR211140221	M	38	38	38	18/03/1999	N	A	03/02/2001		29/04/1999							
		9956	FR2399999956	M	34	34	34	20/10/1998	N	A	18/10/1999		25/01/1999	25/02/1999						

10P / 23B
143 cytage physique
139 Passports
+ 4 veaux en attente
143

figura n°4- Durante a verificação, o inventário cobre-se pouco a pouco de notas.

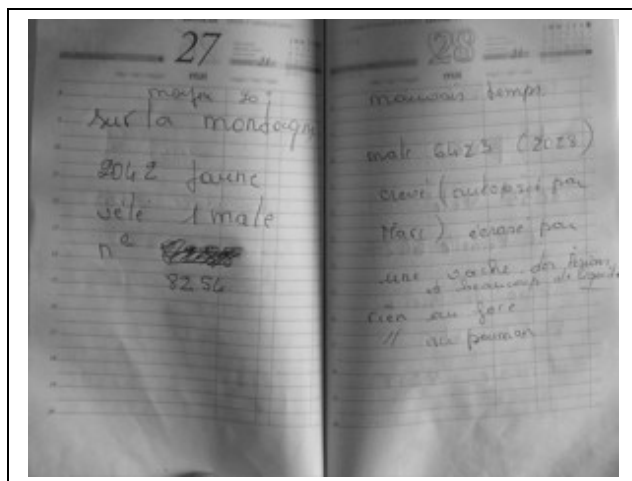


figura nº5- Agenda da criadora traçando lugar e movimento dos bovinos (extracto).



figura nº6- A mesa coberta de documentos e instrumentos de medida